

**Tete**

# Conjugam-se esforços para liquidar a fome

★ Caminha-se a passos firmes para a organização das Zonas Verdes  
★ As soluções para os problemas encontram-se localmente

por Rogério Teixeira

A população da cidade de Tete enfrenta graves carências alimentares. No entanto, a nível local algo pode ser feito para minimizar o problema. Tete fica situada nas margens do rio Zambeze. Possui energia necessária para mover as máquinas.

As principais culturas são o milho, a mapira e hortícolas. Nas zonas mais baixas, que ficam sempre alagadas quando chove, é cultivado o arroz.

A população cultiva tradicionalmente nas zonas baixas das margens do rio e no vale de Nhartanda. Este, com uma área de 500 hectares, é antigo braço do rio Zambeze. Nas últimas grandes cheias, em 1978, voltou a dar passagem às águas quase transformando Tete numa ilha.

O sector cooperativo já os primeiros passos contando com o apoio do Projecto CO-1/CADECO.

A meio do vale de Nhartanda já foi aberto um furo para a captação de água. Falta o nivelamento do terreno e instalação de uma electrobomba. Esta vai beneficiar quatro cooperativas que cultivam já uma área de 23 hectares.

No bairro Déguê funciona a cooperativa agrícola 7 de Abril. Possui uma pequena motobomba, cedida pelo Conselho Executivo da Cidade. O sector privado ocupa uma área de 90 hectares nas margens do rio Zambeze. São 27 os agricultores privados.

Utilizam motobombas para a rega das suas machambas. Quando conversámos com o agricultor João Nunes Cardoso, ele apresentou a falta de combustível como uma das suas maiores dificuldades. Na sua machamba, de apenas três hectares, vimos milho, feijão, arroz, batata, cebola e couve.

A solução para a grave crise causada pela falta de combustível está na substituição das motobombas por motores eléctricos.

Ao colocarmos esta questão ao então substituto do presidente do Conselho Executivo da Cidade de Tete, ele referiu-se à falta de sensibilidade das pessoas quando não conhecem a realidade.

— Devo dizer que quando pensamos na instalação de energia, surgiu uma grande resistência. A princípio os técnicos diziam-nos que nesta fase isso iria custar ao País «rios de dinheiro» em divisas, e que deveríamos continuar a utilizar o combustível. Mas não desistimos. Travámos uma batalha. Levámos os técnicos ao campo para verem no terreno se havia viabilidade ou não para o nosso projecto. E vencemos. Quando a Direcção da Electricidade de Moçambique na cidade introduziu no seu plano a instalação de um Posto de Transformação para as zonas verdes, as estru-

turas centrais deram a sua aprovação — afirmou António João Santana.

Aqui está, mais uma vez, comprovada a necessidade de os dirigentes, os técnicos, saírem dos seus gabinetes para conhecerem a realidade, para conhecerem as dificuldades onde realmente elas são sentidas.

Após estas iniciativas, o vale de Nhartanda e as margens do rio Zambeze começam a conhecer uma nova fase.

A montante do vale existe um tanque elevado. Estava abandonado

Vem de Cahora Bassa. Está avallada em três mil hectares a área total de terras propícias à agricultura junto à capital da província de Tete. O seu aproveitamento é ainda pequeno e pouco organizado.

Neste momento, alguns camponeses recebem já nas suas machambas a água proveniente do rio. Esta iniciativa conjunta do Governo da Província e do Conselho Executivo da Cidade foi bem recebida pela população. Na sua maioria são familiares de trabalhadores dos diversos sectores de actividade da cidade.

As palavras e a alegria estampada no rosto de uma idosa camponesa com quem dialogámos, comprovam que se está a caminhar na direcção certa

a população com fome tentando arrancar à terra seca algum alimento, ao pensarmos na angústia do operário lembrando os filhos em casa chorando, com fome, pensamos que tinha de existir uma saída.

E essa não era enviar os familiares de todos os trabalhadores da cidade para zonas mais ridas, onde pudessem utilizar os tais adubos químicos. Procurámos junto do substituto do presidente do Conselho Executivo um esclarecimento para esta questão.

— Em primeiro lugar, devo dizer

perigo de «cansarmos» a terra como pode acontecer, com uma utilização prolongada de adubos químicos.

Ficámos claros.

A criação de melhores condições para a agricultura no vale de Nhartanda envolve várias estruturas, nomeadamente a Direcção Provincial de Agricultura, o Conselho Executivo, a Electricidade de Moçambique e as estruturas de base do Partido.

Iniciou-se já o parcelamento de talhões, o alinhamento e a transmissão de técnicas que permitam à população aproveitar a água à sua disposição durante todo o ano.

A jusante do vale, existe uma machamba sob a responsabilidade da Empresa de Algodão de Tete. Possui também uma electrobomba e faz a multiplicação de hortícolas e árvores de fruta, que vende a todos os interessados. Presta também, dentro das suas possibilidades, assistência aos agricultores vizinhos. Fornece sementes, lava as terras (quando tem combustível) e transmite as técnicas básicas de agricultura.

Várias outras empresas possuem machambas para os seus trabalhadores, embora ainda em fase de crescimento.

Destacamos a da Empresa de Água de Tete. Nesta, vimos já alguns resultados positivos. Como disse um trabalhador daquela empresa, a partir de agora a preocupação de procurar comida fora da cidade vai diminuir um pouco.

Segundo nos disse o Director Provincial de Construção e Águas, a ideia de se abrir aquela machamba surgiu quando os pedidos dos trabalhadores para se ausentarem do serviço à procura de alimentos se tornaram constantes. A machamba da empresa está localizada a meio do vale de Nhartanda, junto ao posto de captação de água para a cidade, beneficiando da água ali existente. Está dividida em lotes atribuídos aos trabalhadores casados e vivendo próximo do local de trabalho.

Caminha-se, assim, para a organização das futuras Zonas Verdes da Cidade de Tete.

Há agora que criar o respectivo Gabinete, para dirigir e apoiar todas as iniciativas.

Só com organização será possível inundar o mercado da cidade de Tete com os produtos tão necessários à vida dos seus habitantes. Porque agora, o que vemos nos bazares, nas casas comerciais, é desolador.

Há que conjugar e dinamizar todos os esforços para que o Homem desenvolva todas as suas capacidades e saiba tirar proveito das forças que a natureza lhe dá.



Camponeses trabalhando nas suas machambas, no Vale de Nhartanda

em risco de se estragar. Serviu a velha central térmica imobilizada para sempre por «velhice» e desde que existe a electricidade da barragem.

O tanque tem uma capacidade de 3100 metros cúbicos de água. Conseguiu-se uma electrobomba. Grande parte da tubagem existia no local, apodrecendo.

É assim que, com uma despesa mínima, se põem de lado os projectos que andavam de mão em mão há anos, e se começam a fazer coisas concretas, que de imediato venham aliviar a fome da população.

Mas, há quem discorde do trabalho que se pensa realizar no vale de Nhartanda.

— A captação da água para a cidade de Tete é feita através de furos a meio do vale. Para se produzir em larga escala é necessária a utilização de adubos químicos. Ora, esses produtos, lançados à terra a montante do vale, irão contaminar a água, pondo em perigo o abastecimento deste precioso líquido — disseram-nos essas pessoas.

Ao visitarmos Nhartanda, ao vermos

que antes de nos envolvermos nestes trabalhos contactámos as estruturas centrais e temos um documento dizendo que não existe nenhum perigo de contaminação das águas. Mesmo assim, se viermos a utilizar os adubos químicos, será feito um controlo. Esse é possível fazer-se na Província, nos laboratórios da Hidroeléctrica de Cahora Bassa. Mas não pensamos utilizar o adubo químico. Na cidade de Tete pode obter-se com facilidade adubo animal, o «estrume», e é esse que vai ser utilizado no vale de Nhartanda. Até que, assim, não existe o